

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA DA MORTE

*José H. Barros de Oliveira
Universidade do Porto*

Pertence à Filosofia da Educação o estudo sobre a natureza, a razão de ser e as finalidades (últimas) da educação, propugnando uma educação holística e axiológica.

Fazendo a morte parte da vida, tal tema não deve andar ausente duma filosofia da vida (e da morte) e duma educação integral da pessoa humana e do seu destino. A morte não pode continuar a ser um tabu, ausente dos lugares educativos, como a família e a escola.

Nesta comunicação defende-se a necessidade de incluir uma pedagogia tanatológica no contexto educativo, para que verdadeiramente se cultive uma educação holística de todas as dimensões do ser humano. Ensinar a arte de bem morrer ou educar para bem morrer é educar para bem viver.

Viver a morte é suprema filosofia

Falar do morrer e da morte, essa “interminável derrota” (Camus) ou “supremo escândalo” (Jankélévitch), não constituirá um sintoma patológico? Embora não seja tema fácil nem comum, é necessário afrontá-lo, desde as mais diversas perspectivas. Aqui se deixam algumas considerações teóricas, no desejo de que não apenas se pense na morte, mas ainda que se (auto)eduque para bem morrer, dentro duma verdadeira filosofia da educação e da vida. E cada um deve afrontar pessoalmente o problema, pensar a morte não em terceira ou em segunda, mas “em primeira pessoa” (Jankélévitch, 1977), porque, como afirma Ionesco, “qualquer um é o primeiro a morrer”.

Diga-se desde já que a morte nos parece sempre demasiado prematura: “É triste ir a sepultar ao amanhecer”, dizia Lenau. E Renouvier, dias antes de morrer, aos oitenta e oito anos, afirmava: “Morro antes de dizer a minha última palavra; morremos sempre antes de terminarmos a nossa tarefa; é a mais triste das tristezas da vida”. Miguel Ângelo lamentava-se, quase nonagenário, no leito da morte: “Morro quando mal tinha aprendido o a-b-c da arte. Agora, na verdade, é que eu estava preparado para o meu verdadeiro trabalho”.

Por outro lado, também é verdade que “o homem, desde que nasce, é já suficientemente velho para morrer” (Heidegger) e que “viver não é mais do que viver a morte” (Rilke). Para Salk, “a vida está sempre à beira do desastre”. Afirma ainda S. Agostinho: “o homem morre desde que nasce”. E Buda: “nascer é sofrer, é morrer”. A morte é a outra face da vida.

Tudo na natureza nos fala da dialéctica frágil entre a vida e a morte, como tese e antítese, em busca de nova síntese: o dia e a noite, a semente que renasce após a morte, a primavera-verão dá lugar ao outono-inverno, a flor que hoje é bela e amanhã fenece, a onda que vem e que morre na praia, a palavra que se apaga para outra poder ser ouvida, a criança que vai morrendo em nós para dar lugar ao adulto... .

Na verdade, o homem é “um-ser-para-a-morte” (Heidegger), “um cadáver adiado” (F. Pessoa), e a vida, “uma-vida-para-a-morte” (Rahner). Desde a nascimento que se pode lançar uma ponte entre o berço e o caixão, feitos das mesmas tábuas. Parafrazeando Gedeão, “a morte comanda a vida”. Assim, ver a vida pelo prisma da morte, parece uma coisa natural, e paradoxalmente pode ajudar a viver. Viver a morte não significa matar a vida, antes viver a vida, porque também “a vida comanda a morte”.

A morte foi sempre tema actual, porque faz parte da vida, e o pensar nela pode dar mais qualidade à própria vida, aventura grandiosa e ao mesmo tempo tão frágil. Só por um triz os nossos pais não falharam a nossa concepção e o nascimento e, depois de nascidos, quantos perigos internos e externos vamos enfrentando! Quantas vezes já não poderíamos ter morrido! A vida está presa por um fio. A morte ameaça-nos desde dentro (uma doença grave) e desde fora (um desastre, um cataclismo). Mas na fragilidade da vida, refulge mais a sua grandeza. E na iminência da morte, a vida deve ser saboreada em cada dia.

Pascal afirma: “nem a morte, nem o sol, podem ser olhados de frente” (frase atribuída também a Rochefoucauld). Abordemos então a morte com respeito e a pestanejar, mas evitemos virar a cara para o lado, vivendo “como se” ela não existisse. Não banalizemos este tópico, tratando-o em igualdade de circunstâncias com tantos outros. É tema sério e importante, que pode mover a vida e buscar-lhe novos valores e significado. “Dar à luz” a própria morte, como queria Rilke, é dar à luz a própria vida.

De qualquer modo, não é razoável “fazer batota” com a morte, antes tirar consequências dessa realidade e redimensionar a vida, não se fazendo demasiadas ilusões. Ruffié (1987), depois de descrever com realismo médico a fisiologia, a histologia e a bioquímica da morte, afirma: “Depois da agonia, o corpo de um académico, de um Prémio Nobel, tem o mesmo destino que o de um camponês ou o de um trabalhador imigrado; qualquer deles conhece a mesma decomposição pútrida”. Assim, “este fim miserável, que a todos nos torna iguais, é uma razão mais para nos mostrarmos modestos” (p. 233). O P. António Vieira, num dos seus famosos sermões, afirma que a única diferença entre os vivos e os mortos reside no facto de os vivos serem pó levantado, enquanto os mortos pó que jaz.

Apesar da evidência da morte, que nos entra por todos os sentidos e particularmente através dos meios de comunicação social, designadamente a TV que diariamente nos “serve” em abundância acidentes, cataclismos, guerras, actos terroristas, droga, SIDA, aborto, eutanásia e outras cenas mortíferas, no que se convencionou chamar “mortandade pós-moderna” ou “cultura da morte”, apesar disso, a morte continua a ser hoje, mais do que nunca, um tabu, constituindo para muitos algo obscuro e “pornográfico” (Gorer, 1955).

Há muitos sinais mais ou menos camuflados da clandestinidade da morte: antes morria-se em casa, quase ritualmente, hoje morre-se ‘cientificamente’, no hospital, às escondidas da família, rodeado de silêncio ‘mortal’ e o morto não entra em casa (nos Estados Unidos e noutras nações foram mesmo criadas associações para assistir aos moribundos, dispensando as famílias). Hoje maquilha-se o cadáver, a ponto de parecer ridiculamente vivo (Waugh descreve, com um certo humor macabro, os embalsamentos ou as “composturas” do “ente querido”, para todos os gostos). Pratica-se mais e mais a incineração (cremação), evitando a presença do cadáver e ao mesmo tempo o trauma de pensar na putrefacção. No mesmo sentido vai a criogenação (conservação do cadáver imerso em azoto líquido à temperatura de 196 graus negativos), evitando novamente a putrefacção e na vã esperança de o fazer um dia regressar à vida. Outra tentativa de ocultar a morte é que o luto tende a desaparecer como sinal que prolonga diante dos familiares e da sociedade a memória do defunto.

As causas deste mal-estar actual frente à morte podem ser de vária ordem, com conotações mais ou menos sociais (materialismo e consumismo reinantes - se se pensa muito na morte, os supermercados perdem clientes), filosóficas (existencialismo, marxismo, hedonismo), científicas (a ciência e a tecnologia actuais não suportam a ferida narcisística de não serem capazes de dominar a morte) e religiosas (ateísmo, sociedade sem valores perenes).

Mas se a morte anda arredada e ocultada no mundo ocidental, o mesmo não acontece nas sociedades ditas primitivas, que neste campo, como noutros, dão grandes lições ao nosso mundo ‘iluminado’ e civilizado. Na África, a morte é assumida como um acontecimento comunitário. Luis Thomas, antropólogo francês que estudou algumas tribos africanas, conclui que ainda “há sociedades que respeitam o homem: são aquelas onde a vida, seguindo a sabedoria de milénios, se protege a si própria, dando lugar à ideia da morte. E há, pelo contrário, sociedades necrófilas, devastadas por obsessões patológicas: são as nossas, as culturas da morte, negada e sepultada com o mesmo cuidado com que se enterram os cadáveres. A experiência concreta da antropologia demonstra que negar a morte gera uma outra morte” (in Fiore, 1994, p. 52).

Exorcizar ou ignorar a morte, gera uma sociedade neurótica e traumatizada, enquanto que pensar no sentido da vida e da morte, e assumi-la como constituinte natural da vida, conduz à maturidade e ao equilíbrio. M. Unamuno afirma: “É a descoberta da morte que faz entrar os povos e os indivíduos na maturidade espiritual”. Também A. Malraux julga que “o pensamento da morte é o pensamento que nos torna homens. Deveria festejar-se o dia em que, pela primeira vez, se reflectiu sobre a morte, porque é o dia que marca a passagem para a ma-

turidade. O homem nasceu quando, pela primeira vez, murmurou diante dum cadáver: porquê?” (in Fiore, pp. 52-53). Segundo Montaigne, “quem ensinar o homem a morrer, ensiná-lo-á também a viver”.

Só morre quem nasceu e está vivo. Se não se tivesse nascido, não se morreria; as pedras não morrem. Daí a morte ser natural à vida. Escondendo a morte, estamos de qualquer forma a esconder ou a desvalorizar a vida. Dessacralizando a vida e a morte, caímos no Nada, na Solidão, no Desespero. Somos peregrinos sem rumo nem destino, num planeta gelado, enquanto a morte continua, com as suas terríveis “mandíbulas”, na expressão de Bloch, a triturar todos os homens, sem exceção.

Se a morte significa o fim de tudo, torna-se mais difícil viver. Tenta-se “fazer de conta” que o monstro não existe ou que só atinge os outros e não a nós mesmos; pratica-se uma “política de avestruz”. Ou então corre-se apressado a saborear todos os prazeres da vida, conforme já dizia o ímpio na Bíblia: “comamos e bebamos, que amanhã morreremos”. Porém, o salmista afirma, com humor sombrio, que estas pessoas se assemelham aos animais que engordam para a matança. Outra pseudo-solução desesperada frente ao medo e à realidade da morte é o suicídio: se tenho de morrer, porque não já, sobretudo se à minha frente se levanta um mar de sofrimento? Outros enfrentam mais ou menos estoicamente a morte, contentando-se com permanecer na memória dos vivos ou então esperando reencarnar (no Oriente é ancestral a crença na metempsicose).

Na verdade, só a religião pode ajudar a resolver o problema da morte e do Além, embora Kubler-Ross, que estudou particularmente os doentes terminais, tentasse provar cientificamente, em *La mort est un nouveau soleil* (1988), a prevalência para além da morte. Também os poetas intuíram esta realidade, corroborando a fé. Para Fernando Pessoa, “a morte é a curva da estrada, / morrer é só não ser visto”. E chega a dizer, no máximo da ousadia: “Neófito, não há morte!”. Antero de Quental, embora tivesse acabado com a própria vida, no seu último soneto intuía o repouso eterno: “Dorme o teu sono, coração liberto, / dorme na mão de Deus eternamente”. E Florbela Espanca, também inditosa, cantava na “Charneca em Flor”: “E se um dia hei-se ser pó, cinza e nada, / que seja a minha morte uma alvorada, / que me saiba perder... para me encontrar...”.

João de Deus, em *Campo de Flores*, manifestava outrossim esperança, para além do nada: “Mas a pó não se reduz / a luz, a alma do homem: / nem os vermes a consomem; / os vermes não comem luz”. E A. Correia d’Oliveira, em *Alma Religiosa*, interpela os crentes: “Almas fieis, tende fé. / Não tarda a Ressurreição: / Morte é Vida, e mais não é! / A Morte tem olhos: vê / No meio da escuridão... E Sebastião da Gama dizia tão poeticamente: “Cigarra que se preza, quando morre / não deve estar no meio da canção”. Deve apressar-se no canto, porque, como diz um provérbio oriental, “é mais tarde do que julgas”. O grande poeta francês, Paul Claudel, confessava, ao fim da vida, certamente iluminado pela fé: “Vivo no limiar da

morte, e uma alegria inexplicável me embarga a voz”. Porque, na significativa expressão de Teixeira de Pascoaes, em *São Paulo*, “o Absoluto é um dom da morte”.

Khalil Gibran, em *O Profeta*, dedica outrossim um belo texto à morte, ao jeito da sabedoria oriental: “Gostaríeis de conhecer o segredo da morte! Mas como o encontrareis, a não ser que o busqueis no coração da vida? (...) Se verdadeiramente quereis contemplar o espírito da morte, abri de par em par o vosso coração ao corpo da vida. Porque a vida e a morte são uma só coisa, como são uma só coisa o rio e o mar. (...) Que é morrer senão erguer-se nu ao vento e fundir-se com o sol? (...) E quando a terra reclamar os vossos membros, então dansareis verdadeiramente” (cf. Barros, 1998).

Educar(se) para a morte

Se é natural morrer, porque não há-de ser natural educar(se) sobre a morte e para a morte, falar da morte, própria e alheia, e ensinar (e aprender) a bem viver e a bem morrer? Não será possível uma pedagogia da morte, que poderíamos denominar educação tanatológica? A resposta é que não apenas tal educação é possível mas também necessária para uma educação integral. Não educar para a morte é praticar uma educação parcial e mentirosa. Se se fala da morte de civilizações, por exemplo, porque não falar da morte das pessoas, que a própria criança experiencia directamente ou através dos meios de comunicação social, e mesmo reflectir sobre a própria morte, que um dia infalivelmente acontecerá?

Reabilitar a morte é, de qualquer forma, reabilitar e dar mais sentido à vida. Ensinar a “arte de morrer” é ensinar a arte de viver. Como a educação é, etimologicamente, a arte de bem “conduzir” a criança, ou ainda o trabalho de parto ou de “dar à luz” espiritualmente (do latim, *educere*), também se pode ajudar a criança e mesmo o adulto a bem conduzir-se diante da morte própria ou alheia. Ela significa, de qualquer modo, um novo “parto” para a Vida, considerando que neste mundo andamos todos como que no seio da mãe terra à espera de novo (re)nascimento. Como afirma B. Franklin, “o homem não nasceu completamente até que não morreu”.

A educação tanatológica pode dar a verdade sobre o homem, sobre a grande beleza e dignidade da vida, mas também sobre a sua fragilidade e mortalidade. Uma verdadeira filosofia da vida, pressupõe uma filosofia da morte, como uma verdadeira educação sobre a vida, leva implícita uma educação sobre a morte. Isto poderá levar o educando e o homem, em geral, a viver mais densamente, a relativizar muita coisa, a evitar grandes ganâncias (a morte tem a outra chave do nosso cofre) e ambição de poder, tentando antes abrir-se aos outros (quem é egoísta ou egocêntrico, de qualquer forma já morreu) e ao mistério do Além. Paradoxalmente, pode viver-se melhor à luz da morte, que ilumina a vida e lhe dá mais conteúdo. M. Unamuno conta algures que sentiu uma vontade indómita de viver quando, a braços com uma angina de peito, se viu confrontado com o “anjo do Nada”.

O livro de O. Fullat (1982) sobre “as finalidades educativas em tempo de crise” alude também à morte e ao seu desenlace, começando por perguntar: “Se é tão corrente morrer, porque não ter isso muito presente ao educar?”. E o autor continua a interrogar: Que tipo de educação é a que se esquia a esta realidade? E responde que se trata duma educação “desumana, falsa e mentirosa” (p. 231).

Fala-se de morte de civilizações, de correntes de pensamento e de arte, mas não se fala da nossa própria morte quando, afinal, todos somos mortais. Sócrates considera que a verdadeira filosofia consiste em preparar-se para a morte, e que a coragem diante da morte é a única virtude que um dia necessitaremos. Heidegger concebe a morte como a possibilidade da impossibilidade da existência, devendo nós assumir essa possível impossibilidade.

Se os filósofos falaram da morte, não devemos nós fazer dessa realidade um tabu. Fullat pensa que “é preciso edificar de novo a sociedade em torno da morte” (p. 233). Pode definir-se determinada cultura como a forma de entender a morte e os mortos. Nas culturas africanas a morte é um fenómeno público natural, assumido por toda a tribo ou comunidade. No mundo ocidental, ela mete medo e foi escorraçada da praça pública, enquanto, por outro lado, se assiste ao império da morte em guerras, na pena capital, no aborto e na eutanásia, no suicídio, acabando a morte por nem nos pertencer, sendo apanágio das “tanatocracias” que legislam sobre ela (p. 237).

Todavia, constitui um gesto de sabedoria dar de novo à morte o lugar que lhe pertence a nível pessoal e de educadores, pois isso ilumina mais a vida e a verdade sobre o homem. O educando tem direito a confrontar-se com esse “anjo do Nada”, tem direito à angústia e à esperança. No fim de contas, todos andamos mortos de medo da morte e é necessário encarar de frente a realidade através duma verdadeira educação tanatológica que exige preparação e planificação. Tal educação deve visar antes de mais as crianças e os jovens, mas sem esquecer as diversas fases da adultez e ainda da velhice.

Segundo o *Fedro* de Platão, Sócrates interpretava a preparação para a morte como a autêntica filosofia. Um ensaio de Montaigne intitula-se “filosofar é aprender a morrer”. E Séneca considerava quase como única virtude, a fortaleza diante da morte com que um dia todos nos veremos confrontados, e afirmava que toda a vida devemos aprender a morrer. A própria morte dos outros já é educadora, sobretudo se é uma morte “em segunda pessoa”, isto é, de familiares próximos, se soubermos tirar as lições da fragilidade e contingência desta vida. “Que a morte vos sirva de doutora”, avisava S. Agostinho. Ela mostra a fugacidade do tempo, e daí a necessidade de o aproveitar bem, dando lugar às coisas espirituais e não apenas às materiais, incapazes de ultrapassar a morte.

Enfim, para aprender as grandes lições da vida, é necessário pensar e aprender também as lições da morte. Segundo Montaigne, “quem ensinar o homem a morrer, ensiná-lo-á também a viver”. E esta aprendizagem pode e deve fazer-se já a nível familiar, continuando na

escola e noutras instituições educativas, como são os meios de comunicação social. Entretanto, deve-se ir morrendo aos poucos nos grandes ideais e nos outros, para poder afirmar como Margarida Duras: “Quando eu morrer, não morro quase nada, porque o que me define já saiu de mim”. Ou então refugiar-se na beleza que é já um acto de fé. Beethoven exclamava: “Vou ao encontro da morte com alegria”.

Bibliografia

- Archer, L., Biscaia, J. e Osswald, W. (Coord.) (1996). *Bioética*. Lisboa: Ed. Verbo.
- Barros, J. (1998). *Viver a morte*. Coimbra: Almedina.
- Barros, J. e Barros, A. (1997). Definições e representações da morte: resultados em jovens estudantes caboverdianos e portugueses. *Revista Portuguesa de Educação*, 10 (1), 15-23.
- Boff, L. (1976). *Vida para além da morte - O presente: seu futuro, sua festa, sua contestação* (4ª ed.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Bracinha Vicira, A. (1987). Da morte e do morrer. *Psicologia*, 5 (2), 139-145.
- Coimbra, L. (1988). *Dispersos - III Filosofia e metafísica*. Lisboa: Ed. Verbo.
- Fiore, C. (1994). *Os temas mal ditos*. Porto: Ed. Salesianas.
- Fullat, O. (1982). *Las finalidades educativas en tiempo de crisis*. Barcelona: Hogar del Libro.
- Gorer, G. (1955). The Pornography of Death. *Encounter* (Outubro).
- Heidegger, M. (1927). *Sein und Zeit*. Tuebingen.
- Hennezel, M. (1997). *Diálogo com a morte*. Lisboa: Ed. Notícias.
- Jankélévitch, V. (1977). *La mort*. Paris: Flammarion.
- Kastenbaum, R. e Costa, P. (1977). Psychological perspectives on death. *Annual Review of Psychology*, 28, 225-249.
- Kuebler-Ross, E. (1981). *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes (original de 1969: *On death and dying*).
- Kuebler-Ross, E. (1988). *La mort est un nouveau soleil*. Éditions du Rocher (original de 1984: *Ueber den Tod und das Leben danach*).
- Kuebler-Ross, E. (1995). *La mort est une question vitale*. Paris: Albin Michel.
- Morin, E. (1985). *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Ribeiro Dias, J. (1997). Editorial: In Memoriam. *Revista Portuguesa de Educação*, 10 (1), 1-5.
- Ross, L. e Pollio, H. (1991). Metaphors of death: a thematic analysis of personal meanings. *Omega Journal of Death and Dying*, 23 (4), 291-307.
- Ruffié, J. (1987). *O sexo e a morte*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Sampaio, D. (1994). *Ninguém morre sozinho - O adolescente e o suicídio* (5ª ed.). Lisboa: Ed. Caminho.

